

BETAR & ARTES LETRAS

#165 | JUNHO | 2024



festas de lisboa

em junho, Lisboa recebe os Santos Populares

B
Betar

B Desde 1973
na vanguarda
da engenharia



Ponte Mauzi, Limbe

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**

B
Betar

Em junho, Lisboa recebe os Santos Populares, com muita música e animação, mas a capital, e o resto do país, têm muito mais para oferecer. No Centro Cultural de Belém estará em cena a peça “Mãe Coragem”, de Bertolt Brecht, com encenação de António Pires; ao palco do Teatro da Trindade sobe “Se acreditares muito”, texto de Cordelia O’Neill, encenado por Flávio Gil; e n’A Barraca Hélder Mateus da Costa e Maria do Céu Guerra recordam Camões em “Amor é fogo que arde sem se ver”. Este é também o mês do festival Temps d’Images, com propostas de performance, cinema, música e teatro.

Nas artes, estão patentes as mostras “Yayoi Kusama: 1945 - Hoje”, em Serralves; “Enzo Cucchi”, na Culturgest; e os mais recentes trabalhos de Francisco Venâncio estarão expostos na Livraria Térmita, no Porto. No que respeita a música, o Hipódromo Manuel Possolo, em Cascais, recebe pela primeira vez o festival Coala, com foco na música de língua oficial portuguesa; no Tivoli cruzam-se o Fado e o Jazz, com Cristina Branco e a Orquestra de Jazz do Hot Club Português; e no Coliseu do Porto, Camané, Ricardo Ribeiro, João Paulo e Mário Laginha apresentam a proposta “Duas Vozes, Quatro Mãos”. Para além das Festas de Lisboa, regressam o 50.o Festival Estoril Lisboa; o Rock in Rio e o Primavera Sound.

Esta edição da Artes&Letras conta ainda com uma entrevista especial. Desta vez, demos a palavra a um nome do teatro nacional, o encenador Nuno Carinhas, que muito amavelmente nos falou das suas experiências no mundo das artes.



Tomás Faria

editor convidado

EDITORIAL

BETAR

No âmbito do projeto hídrico para o Mondego, foram projetados um açude e um complexo sistema viário, composto por uma ponte e viadutos de acesso. A Betar realizou as inspeções e os projetos de reforço e reabilitação



Na cidade de Coimbra, sobre o leito do rio Mondego, localiza-se a Ponte do Açude que liga as zonas do Bencanta ao início do Choupal. Atendendo ao estado de conservação da estrutura, foi necessário realizar um projeto de reabilitação e reforço, incluindo a avaliação da segurança estrutural. Nesse âmbito, a Betar realizou inspeção principal, inspeção especial com a abertura de fundações, prospeção geológico-geotécnica, levantamento dimensional, nivelamento do tabuleiro, ensaios de caracterização dos materiais e mapeamento de anomalias. Nas intervenções levadas a cabo salienta-se o reforço e substituição integral de pilares, o reforço das fundações do encontro, do lado de Bencanta, com colunas de jet-grouting, e a introdução de batentes metálicos nos encontros dos ramos para reforço às ações horizontais.

Ponte do Açude sobre o Rio Mondego, Portugal

Projeto: 2009/2010
Obra: 2011/2012
Cliente: Infraestruturas de Portugal SA (ex Estradas de Portugal EPE)
Área: 34.000 m² de tabuleiro
Dimensão: 3 km de extensão
Âmbito: Projeto de Reforço e Reabilitação, Inspeção, Avaliação de Segurança, Levantamento de Pormenor, Mapeamento de Anomalias, Ensaios aos Materiais e Estudo Geotécnico

À CONVERSA COM



Nuno Carinhas

“Estamos [no teatro] para questionar o mundo. (...) As questões humanas essenciais são meia dúzia e estão plasmadas na história do teatro. (...) Podemos falar de tudo, relacionando com o tempo presente”

É pintor, cenógrafo, figurinista e encenador. Porquê esta plasticidade?

São maneiras diferentes de aceder ao mundo. Tive a necessidade de experimentar diversas ferramentas que se adaptassem à minha procura, uma espécie de demanda por uma linguagem e pelo que correspondia melhor às minhas inquietações. Acho que o teatro acaba por ser a summa de todas elas. Tem uma forma mais universal, talvez. É aquela arte que tem maior possibilidade de expansão do tempo. Mas tudo são aprendizagens, é como se tivéssemos um pano muito dobradinho e começássemos a abrir, dobra a dobra. Cada dobra é uma experiência que nos vai enriquecendo e viciando.

Estudou pintura, colaborou com o Ballet Gulbenkian, dirigiu óperas e realizou uma curta-metragem. O que lhe trouxeram essas experiências?

Foram coisas que foram acontecendo, nunca planeei muito aquilo que ia fazendo. Surgiram oportunidades e, como pessoa curiosa e que não está enfeudada numa ideia muito estrita, entreguei-me a essas tarefas. Continuo a ser um amante de pintura e não deixei de desenhar e de pintar, há uma espécie de vício da mão e do olhar que se mantêm, mas sobra-me pouco tempo. O Ballet Gulbenkian surgiu ainda no tempo da escola. Havia uns estúdios coreográficos onde trabalhei com o Vasco Wellenkamp. Mais tarde, o Jorge Salavisa, diretor artístico da companhia, quis que eu continuasse a colaborar, o que me permitiu experimentar

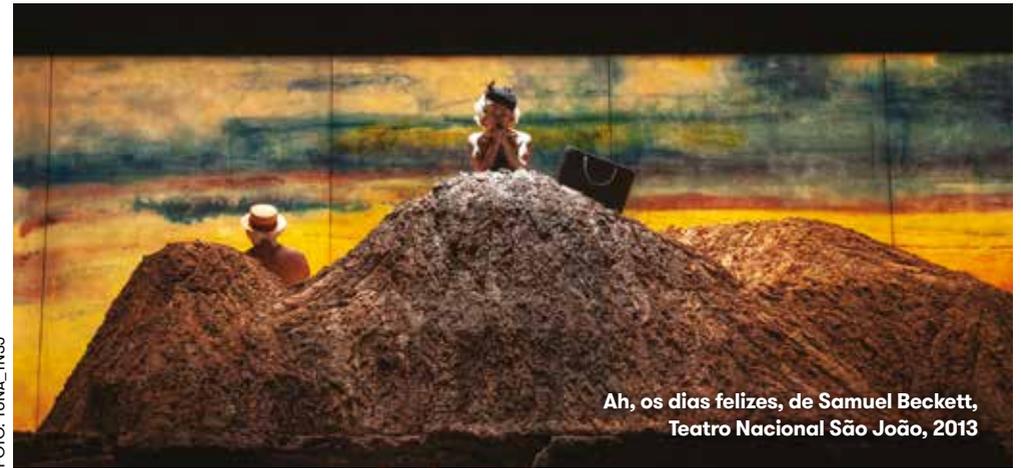
coisas muito diversas. A oportunidade de encenar ópera materializou-se no estúdio de ópera da Casa da Música. Depois, o Paolo Pinamonti convidou-me para dirigir duas pequenas óperas no Teatro São Carlos e fiz, mais recentemente, a Blimunda, também no São Carlos. A curta-metragem que realizei foi o “Retrato em fuga”, que até teve um prémio do júri do Festival de Curtas-Metragens de Buenos Aires. Era um projeto da Produções OFF/RTP que consistia em atirar para a linha da frente pessoas que estavam mais atrás - como “empurrar” iluminadores para diretores de fotografia - ou juntar pessoas de outras áreas. Foi uma experiência única, ainda em 35mm.

Em 1976 foi um dos sócios fundadores d’A Barraca. Como começou a paixão pelo teatro?

Os meus pais pertenciam a um grupo de teatro amador, orientado pelo braço direito da Dona Amélia Rey Colaço, que dirigia a companhia do Teatro Nacional D. Maria II. Aos 5 anos, comecei a ver fazer espetáculos, muitas vezes ia com os meus pais para os ensaios e também os ouvia a decorar os textos em casa. Tudo isso deu-me uma intimidade muito grande com o objeto teatral, com o antes do antes do espetáculo. Adormecia nos ensaios e, sem perceber, tudo ressoava na minha cabeça... sabia Gil Vicente de cor.

Entre 2009 e 2018 foi diretor artístico do Teatro Nacional São João (TNSJ). Foi o maior desafio da sua carreira?

FOTO: TUNA_TNSJ



Ah, os dias felizes, de Samuel Beckett, Teatro Nacional São João, 2013

Trabalhei no Porto vários anos, desde que o Ricardo Pais foi para diretor do TNSJ. Ele encenou o primeiro espetáculo e deu-me a responsabilidade de fazer o segundo, “O Grande Teatro do Mundo”. Só fui diretor artístico de um teatro nacional porque era aquele teatro. Era uma casa que eu conhecia bem, identificava-me com o projeto e estava disposto a abraçar aquela equipa. Foi um desafio enorme. Ser diretor artístico de um teatro acarreta as mesmas responsabilidades de gestão de uma empresa, as pessoas ficam ou não marcadas pelos programas que propomos e estratégias que desenhamos. Mexemos com uma cidade, com a nossa cultura e temos ligações internacionais. Nos três mandatos que estive à frente do TNSJ passámos por acontecimentos políticos e sociais muito marcantes. Tivemos de nos articular muito bem para manter as portas abertas e lutar contra as ideias de alienação e despedimentos.

Escreveu que no teatro “progredimos insatisfeitos de pergunta para pergunta”. O teatro é um permanente questionamento?

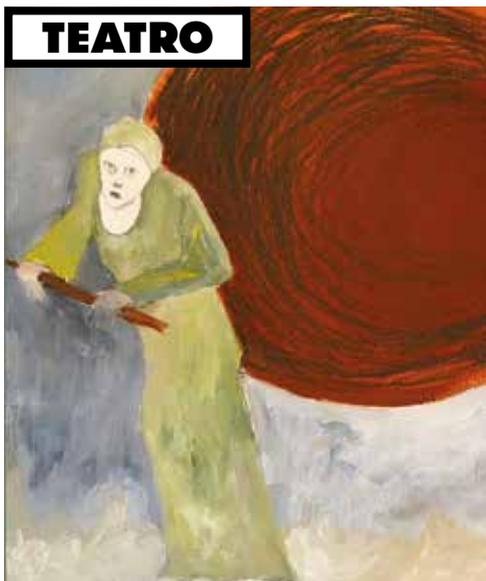
Tem de ser. Nós não estamos lá só para criar ambientes interessantes e

decorativos, ou contar histórias para divertir as pessoas, estamos lá para questionar o mundo, com textos que vêm da Grécia Antiga até hoje. É possível repetir os temas em várias épocas porque as questões humanas essenciais são meia dúzia e estão plasmadas na história do teatro. É na maneira de perguntar e na forma de organizar as grandes questões que estão as diferenças epocais. E nós somos parte desse sistema, temos essa responsabilidade. Podemos falar de tudo, relacionando com o tempo presente, daí haver uma permanente atenção sobre o porquê, o quê e o agora.

Continua a encenar peças pelo país. O que gostava que o futuro lhe reservasse?

Eu estou bastante compensado. Atualmente quero trabalhar com pessoas de quem gosto, isso é prioritário em relação a qualquer tipo de projeto que ainda me falte realizar. Há imensos autores que nunca fiz, mas percorri muitas companhias, cruzei-me com muitas pessoas, ouvi muito e, portanto, é o resumo disso que gosto de ter hoje: pessoas que me apeteça ouvir, com quem me apeteça dialogar e estar, mais do que o cumprimento de projetos individuais.

SUGESTÕES



TEATRO

Mãe Coragem

Considerada por muitos como a maior obra de Brecht, esta peça, escrita em 1939, no exílio do dramaturgo antes da 2.ª Guerra Mundial, incide na ambivalência humana. Anna Fierling (protagonizada por Maria João Luís) é uma vendedora ambulante que atravessa os campos de conflito da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) arrastando uma carroça de mercadorias, na companhia dos seus três filhos. Ao mesmo tempo que os tenta proteger do conflito armado, para sobreviver, Anna faz escolhas eticamente duvidosas, sem se abster de conluios e negócios desonestos, pondo em xeque, inclusive, a vida da sua família.

DIAS 8 E 9 JUNHO

Centro Cultural de Belém, Lisboa



TEATRO

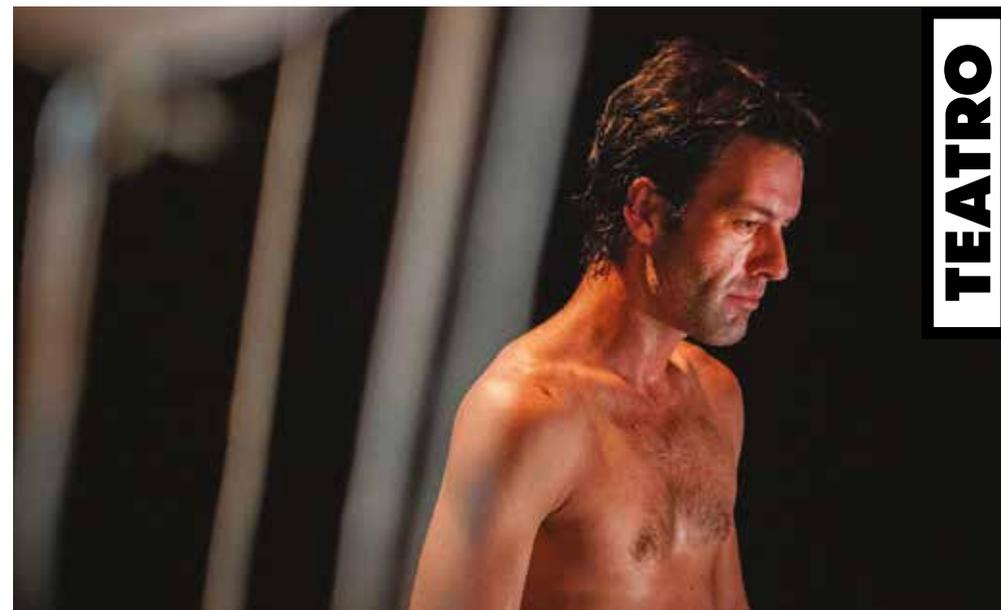
Se acreditares muito

Alex e Rupert nunca se deviam ter conhecido e muito menos ter-se apaixonado. Mas, graças a um capricho do destino, acabam por surgir todos os sinais de uma família pronta para crescer. Quando Alex entra em trabalho de parto, o impensável acontece e o mundo dos dois implode. O que se segue é a história de como um casal encontra a força para seguir em frente, a vontade para permanecer unido e a determinação de manter viva a memória do seu filho. “Se acreditares muito” leva-nos às profundezas da dor para encontrar esperança, e ao limite da insanidade para encontrar razão. **ATÉ 30 DE JUNHO**



Teatro da Trindade INATEL, Lisboa

Em junho, Lisboa veste as suas roupas mais coloridas para receber os Santos Populares. Se gosta de folia, aprovei-te! Se prefere eventos mais tranquilos, existem muitas outras propostas culturais



TEATRO

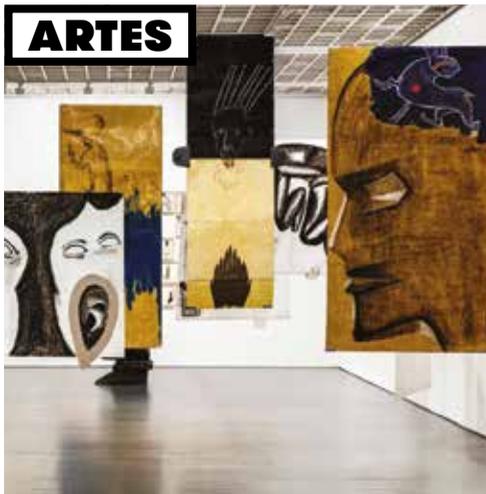
Amor é fogo que arde sem se ver

Homenagear os clássicos é modernizá-los e torná-los acessíveis ao público dos nossos dias. Camões é um dos símbolos mais importantes do século XVI e um testemunho do intelectual moderno e progressista. Nesta peça, é proposto um novo olhar sobre o nosso Camões, que será mostrado em toda a sua grandeza e independência, para exemplo aos jovens e intelectuais dos nossos dias. Não é intenção fazer uma “operação de limpeza” ao ícone Camões, ou ao período das grandes navegações portuguesas, mas é preciso conhecer todas as realidades que eram sonegadas e ocultadas. Assim, a peça conta a viagem de Luís Vaz, o navegador da língua portuguesa, num tempo de disputas, glórias e intrigas, onde os perigos da inquisição ameaçaram sempre um dos homens mais livres do seu tempo e, sem dúvida, o seu maior poeta.

A PARTIR DE 10 DE JUNHO

Encenação:
Hélder Mateus da Costa
e Maria do Céu Guerra
Interpretação:
Elenco A Barraca
A Barraca, Lisboa

ARTES



Shining indifference Enzo Cucchi

Um dos mais determinantes artistas internacionais das últimas cinco décadas, Enzo Cucchi foi uma das referências incontornáveis do neo-expressionismo. Esta mostra reúne uma seleção alargada das pinturas, esculturas e desenhos que o artista realizou na última década. A sua distribuição no espaço assemelha-se a uma partitura: espaços vazios são silêncios de uma composição polifónica e operática. Mas a obra de Cucchi mantém, também, uma relação íntima com a escrita, tendo desenvolvido inúmeros trabalhos na área da produção gráfica, como capas de livros, brochuras, catálogos e outros materiais impressos, também expostos.

ATÉ 30 DE JUNHO

Culturgest, Lisboa

ARTES

Yayoi Kusama: 1945 - Hoje

Ao persistir na sua intransigente visão vanguardista, Yayoi Kusama afirmou-se como ícone cultural do séc. XXI. Ao longo das últimas décadas, a artista refinou uma singular estética pessoal, a par de uma filosofia de vida fundamental e a sua obra permite vislumbrar o espaço ilimitado e fazer reflexões sobre os ciclos naturais de regeneração. Com cerca de 160 trabalhos, incluindo pinturas, desenhos, esculturas, e instalações, esta exposição, concebida e organizada pelo M+, de Hong Kong, em colaboração com a Fundação de Serralves e o Museu Guggenheim de Bilbao, narra a história da vida e obra da artista.

ATÉ 29 DE SETEMBRO



Fundação Serralves, Porto

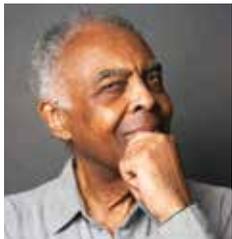
ARTES



Arena - Francisco Venâncio

Através de uma prática em desenho e em escultura, numa permanente lógica de experimentação, surge um processo de trabalho contínuo e em constante construção. Um lugar de ficção onde se confronta a realidade desafiando referências, noções e signos. Procuram-se métodos de ordem plástica que permitem errar, corrigir ou descobrir – acima de tudo, permitem continuar. “Arena” surge de uma investigação a partir de um imaginário individual envolvendo um conjunto de elementos referentes a uma paisagem urbana. Recuperar e repensar estes elementos para os transformar criando novos sentidos ou narrativas a ponto de se perder um rasto de utilidade, função ou lógica. Francisco Venâncio nasceu em Lisboa, em 1990. Vive e trabalha no Porto. Estudou na Esad.CR onde completou a licenciatura e mestrado em Artes Plásticas. **ENTRE 1 E 22 DE JUNHO**

Armazém Fundo,
Livreria Têrmita, Porto



Coala

DIAS 1 E 2 DE JUNHO NO HIPÓDROMO MANUEL POSSOLO, CASCAIS

Este festival teve início em 2014 em São Paulo, no Brasil. Pela primeira vez na história, o Coala acontece na Europa e com foco na música de língua oficial portuguesa, do triângulo Brasil, Portugal e África. Os primeiros artistas confirmados foram: Gilberto Gil, Baiana System, Mayra Andrade e Carminho.

Perto: Cristina Branco, Mário Laginha e Orq. Jazz HCP

DIA 3 DE JUNHO NO TEATRO TIVOLI BBVA, LISBOA

Considerada uma das fadistas de maior sucesso do nosso tempo, Cristina Branco sempre teve um horizonte musical muito amplo. Neste concerto haverá um diálogo entre o Fado e o Jazz, com Mário Laginha, ao piano, a acompanhar a Orquestra de Jazz do Hot Club Português e a Voz da Cristina Branco.



Duas Vozes, Quatro Mãos

DIA 1 DE JUNHO NO COLISEU PORTO AGEAS, PORTO

Quatro grandes artistas encontram-se num só palco para um concerto memorável. As duas vozes de Camané e Ricardo Ribeiro aliadas às quatro mãos dos pianistas João Paulo e Mário Laginha irão trazer uma originalidade musical ímpar, numa proposta artística que tenciona ser mais do que a soma das partes.

50º Festival Estoril Lisboa

21 JUNHO A 20 JULHO, EM VÁRIOS ESPAÇOS DE LISBOA E ESTORIL

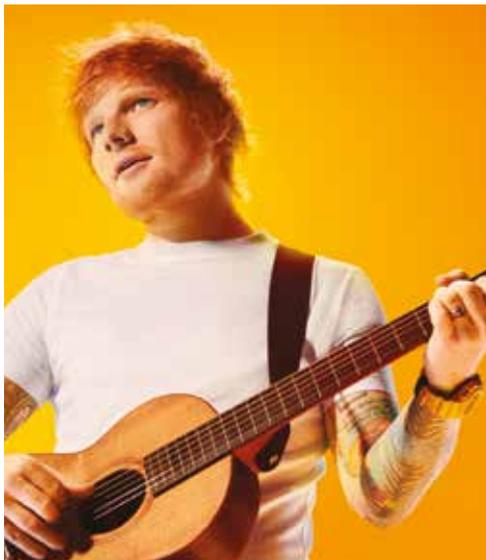
Sob o tema “Portugal no Renascimento Europeu”, o festival apresenta: Ensemble Darcos, Grupo de Câmara da ESML, Coro Projeto do Instituto Gregoriano de Lisboa e Camerata de Cordas do IGL, Roberto Fresco, Duo Kontrast e Orquestra Gulbenkian. Consulte a programação em <https://www.festorilisbon.com>.



Festas de Lisboa 2024

Durante o mês de junho, Lisboa transforma-se para receber os arraiais populares, onde a festa começa ao final da tarde e dura pela noite dentro. Este ano, para além da animação nos bairros mais típicos, que se vestem de muitas cores e voltam a cheirar a sardinha assada e manjerico, a Doca da Marinha está pronta para receber duetos improváveis, até dia 9 de junho. É o regresso dos “Santos no Tejo”, onde Áurea junta-se a Emanuel; João Só a Bárbara Tinoco e Rosinha; Cláudia Pascoal a Rebeca; e Gisela João ao grupo José Pinhal Post Mortem Experience. Em Monsanto acontecem os “Santos à bacana”, entre os dias 5 e 12, com Toy, Quim Barreiros, Emanuel, Rui Saraiva e os Amigos, Sambinha Bom e Pagodinho com Di Propósito, Zé Pedro Sousa, Rosinha e Jorge Guerreiro. Animação não vai faltar na capital!

DURANTE O MÊS DE JUNHO



Primavera Sound

De uma lista de quase meia centena de nomes, tão eclética e transversal, com todas as formas e estilos, o cartaz do Primavera Sound dá destaque a Lana Del Rey, SZA, PJ Harvey, Pulp, Mitski, Justice e The National. No entanto, o festival é composto por muito mais nomes internacionais como Kim Petras, American Football, Amyl and the Sniffers, Lambchop, Arca, Royel Otis, Ethel Cain, Billy Woods, Shellac... e nacionais como Amaura, Ana Lua Caiano, André Henriques, Best Youth, Classe Crua, Conjunto Corona, Expresso Transatlântico, Máquina, Milhanas, mutu, Samuel Úria, Silly, Soluna e Tiago Bettencourt. **DE 6 A 8 DE JUNHO**

Rock in Rio

Em 2004 acontecia a primeira edição do Rock in Rio em Lisboa. 20 anos e centenas de concertos depois, esta é mais uma edição que não vai querer perder. No primeiro dia do festival destaque para Scorpions, Evanescence, Xutos e Pontapés, The Legendary Tigerman e Blind Zero; no segundo dia é a vez de Ed Sheeran, Calum Scott, Fernando Daniel, Lukas Graham e Capitão Fausto; dia 22 sobem ao palco Jonas Brothers, Macklemore, Carolina Deslandes, James, Fonzie e Ornatos Violeta; e o encerramento está a cargo de Doja Cat, Camila Cabello, Ne-Yo, Anselmo Ralph e Luísa Sonza, entre muitos outros nomes.

DIAS 15 E 16, 22 E 23 DE JUNHO

Parque Tejo, Lisboa



Parque da Cidade, Porto



Temps d'Images



Momento I do festival de 2024 apresenta obras da performance ao cinema e da música ao teatro. Nos dias 1 e 2, no CCB, Ana Libório, Bruno José Silva e João Estevens expandem a performance entre arte e ciência com "Cosmic Phase/Stage".

No Cinema Ideal, dia 6, é apresentado o documentário "Entre o coreografado e o espontâneo", de Olga Ramos. Nos dias 7 e 8, na Rua das Gaivotas 6, Sara Ribeiro apresenta "Deus Sô"; e no Teatro Ibérico, a 8 e 9, Cire Ndiaye mostra o espetáculo "Eartha Quit". O documentário "Verdade ou Consequência?", de Sofia Marques, sobre a vida de Luís Miguel Cintra, é exibido no Cinema São Jorge, a 11; e nas Carpintarias de S. Lázaro inaugura, dia 14, a vídeo-instalação de Mariana Ramos "DOBRA - inflexões de um plano sob um corpo". "Matagal", de Eduardo Breda, estará até dia 16 no Teatro Ibérico. **ENTRE 1 E 16 DE JUNHO**

Vários espaços de Lisboa

MOÇAMBIQUE

TEATRO

FITI - Festival Inter. Teatro de Inverno

CCFM, Inst. Guimarães Rosa, FFLC, Museu Mafalala e X-Hub, Maputo

A 20ª edição do FITI vai decorrer entre a zona urbana e as periferias com companhias de teatro de Moçambique e de outros países, como Angola, África do Sul, Malawi, Zimbábwe, Brasil e Portugal. Desde 2013 que o festival tem carácter internacional e este ano haverá ainda dança, música, fóruns, debates e atribuição de homenagens a entidades ligadas às artes e à cultura. O evento tem tido balanços muito positivos, ao longo das várias edições, notando-se uma aproximação entre os participantes, num clima de intercâmbio artístico, bem como um aumento da assiduidade por parte do público, que tem ganho o hábito de assistir a espetáculos de teatro. O FITI procura apresentar sempre temas capazes de trazer reflexões atuais sobre as diferentes realidades e contextos socioculturais dos países participantes.

ATÉ 9 DE JUNHO



MÚSICA



Roberta Miranda Centro Internacional de Conferências Joaquim Chissano, Maputo

A famosa cantora brasileira, Roberta Miranda, var dar um concerto em Maputo, no próximo dia 8 de junho, com a participação especial de Gabriela, Roberto Chitsonzdo e Yolanda Kakana. Compositora e multi-instrumentista de 68 anos, foi consagrada pelo povo com o título de “Rainha Sertaneja”, sendo uma das cantoras brasileiras que mais discos vendeu ao longo dos anos de carreira (mais de 28 milhões de cópias). Entre os seus maiores sucessos estão: “A Majestade”, “O Sabiá”, “São tantas coisas”, “Vá Com Deus” e “Sol da Minha Vida”.

DIA 8 DE JUNHO

PARA LER

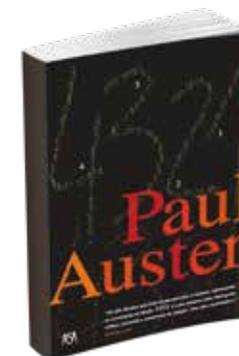


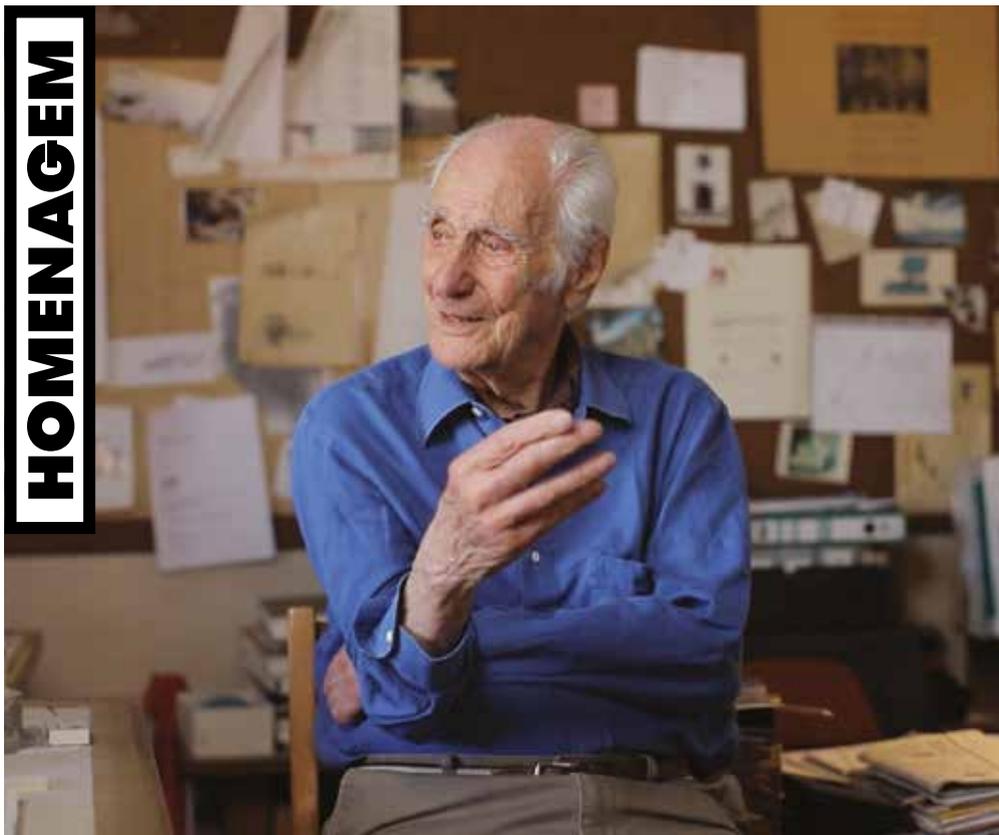
Bartolomeu Costa Cabral. 18 obras Paulo Providência e Pedro Baía

Este livro apresenta 18 obras projetadas entre 1960 e 2012 pelo arquiteto Bartolomeu Costa Cabral, numa seleção que ilustra o seu percurso singular pela cultura arquitetónica portuguesa, desde o projeto do Bloco das Águas Livres, designado Monumento de Interesse Público, até ao projeto da Casa em Taipa. A seleção das obras foi dividida cronologicamente, numa estrutura que agrupa três programas distintos — habitação, edifícios escolares e equipamentos — intercalados por um prefácio de Fernando Varanda, um ensaio de Paulo Providência, uma entrevista de Pedro Baía e um ensaio de Mariana de Oliveira Couto.

4321 Paul Auster

O escritor norte-americano Paul Auster faleceu recentemente deixando uma obra inigualável. Autor de vários best-sellers como “O Livro das Ilusões”, “A Música do Acaso”, “Timbuktu” e “A Noite do Oráculo”, foi um nome maior da literatura contemporânea. A sua primeira história foi rejeitada 17 vezes. Mais tarde, tornar-se-ia parte da sua obra mais célebre, “Trilogia de Nova Iorque”. É autor de uma vasta bibliografia, traduzida em mais de quarenta línguas, da qual se destacam ainda “Palácio da Lua”, “4321” e “Baumgartner”, a sua última incursão na ficção. O gosto pela sétima arte levá-lo-ia ainda a produzir o filme “Fumo Azul” e a realizar “A Vida Interior de Martin Frost”.





Arq. Bartolomeu Costa Cabral

Em março de 2013, Bartolomeu Costa Cabral dava uma simpática entrevista à Artes&Letras. Na altura, continuava a fazer os projetos no papel: “É como um escritor que escreve um livro à mão e depois é passado à máquina, o que importa é o que ele escreve...”, justificou. E, de facto, a aparente simplicidade da sua obra escondeu sempre o seu instinto matemático e uma grande complexidade de soluções. Vários foram os projetos que José Venâncio [Betar] elaborou com o Arq. Bartolomeu. Recorda um conjunto de trabalhos para a Universidade da Beira Interior – que ilustram bem a qualidade do seu trabalho - e a pessoa que era: “A atenção aos pormenores, a coordenação interdisciplinar e o equilíbrio das obras, mas sobretudo a simpatia e afabilidade no trato com os colegas da profissão que abraçou ao longo de toda a vida”.

Atualmente, a Betar está a desenvolver, com o Arq. Rui Mendes, colaborador de longa data de Costa Cabral, em equipa com o Arq. Gonçalo Byrne, o projeto para uma intervenção na Escola Básica do Castelo, edifício emblemático da sua autoria, que infelizmente já não conseguirá acompanhar. Honraremos a sua memória respeitando a sua obra.

À sua família os nossos respeitosos pêsames.



Veneza

Sendo uma das cidades mais conhecidas do mundo, amplamente fotografada, a imagem de Veneza estará no imaginário de todos, mesmo daqueles que nunca a visitaram. No entanto, os seus encantos vão para além dos edifícios e praças mais emblemáticos. Vale muito a pena perdermo-nos pelas ruelas estreitas. Cada rua, cada canal, cada ponte, cada recanto é uma pintura impressionista perfeita. Um lugar absolutamente mágico onde em vez de carros circulam barcos e a beleza dos edifícios se funde com a cultura e a história. Veneza é singular, não tem comparação com mais nenhuma cidade do mundo. Naturalmente, é obrigatório visitar a Praça e Basílica de São Marcos, o Palácio Ducale, o Palazzo Ca' d'Oro, a Ponte de Rialto, a Ponte dos Suspiros, a Basílica de Santa Maria della Salute e fazer um passeio de gôndola que percorra o Grand Canal. E muito interessante são também os museus Peggy Guggenheim e Leonardo da Vinci. Importa ainda lembrar que a cidade italiana faz parte de um arquipélago com diversas outras ilhas, algumas também encantadoras, como Murano e Burano. A primeira é mundialmente conhecida pelo fabrico de vidro, muito apreciada pelos amantes de arte e joalheria. É interessante entrar numa fábrica para ver o processo artesanal de produção das peças. Já Burano é famosa pelas suas casinhas coloridas, cujos reflexos nos canais criam imagens deslumbrantes. Uns dias em Veneza, com passagem por estas duas pequenas ilhas, são a receita para umas férias inesquecíveis.

B Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**



Ponte Mauzi, Limbe